

É quase como se houvesse um cordão em torno da parte superior destes grandes picos, para lá do qual nenhum homem pode ir. A verdade, obviamente, reside no facto de que, a partir dos 7620 metros, os efeitos da baixa pressão atmosférica no corpo humano são tão graves que se torna impossível vencer os trechos realmente difíceis, e as consequências de uma tempestade, ainda que moderada, podem ser letais; no facto de que nada, a não ser as mais perfeitas condições do tempo e da neve, permite a menor possibilidade de êxito; e que, no último trecho da escalada, nenhum grupo está em condições de escolher o melhor dia (...).

Não, não é extraordinário que o Evereste tivesse resistido às primeiras tentativas de conquista; com efeito, o contrário é que teria sido surpreendente e francamente triste, porque as grandes montanhas são assim mesmo. Talvez nos tenhamos tornado um pouco arrogantes com a nossa admirável tecnologia de ganchos para o gelo e ténis de borracha, com a nossa era de fáceis conquistas mecânicas. Já nos tínhamos esquecido de que a montanha continua a dispor da carta definitiva, e que só permite o êxito aos escaladores quando tal lhe apraz. Se assim não fosse, poderia o montanhismo continuar a despertar um tão profundo fascínio?

Eric Shipton, em 1938
Upon That Mountain

Plantado no topo do mundo, um pé na China e o outro no Nepal, limpei o gelo da máscara de oxigénio, curvei um ombro contra o vento e contemplei, abstraído, a vastidão do Tibete. De um modo difuso, distanciado, compreendi que a paisagem que se estendia aos meus pés me proporcionava uma vista espetacular. Durante muitos meses, fantasiara sobre este momento e a vaga de emoções que o acompanharia.

Mas agora que estava finalmente ali, literalmente de pé no cume do Everest, não tinha forças para pensar nisso.

Era o princípio da tarde de 10 de maio de 1996. Não dormia há cinquenta e sete horas. A única comida que conseguira forçar-me a comer nos últimos três dias fora uma tigela de sopa *ramen* e um punhado de *M&M's* de amendoim com chocolate. Semanas de uma tosse violenta tinham-me deixado com duas costelas separadas, o que convertia numa provação excruciante o simples facto de respirar. A 8848 metros de altitude, na troposfera, chegava-me tão pouco oxigénio ao cérebro que a minha capacidade mental era como a de uma criança retardada. Tendo em conta as circunstâncias, pouco podia sentir além do frio e do cansaço.

Chegara ao cume alguns minutos depois de Anatoli Boukreev, um guia de escalada russo que trabalhava para uma expedição comercial americana, e um nada à frente de Andy Harris, um guia neozelandês da minha equipa. Embora conhecesse mal Boukreev, tivera seis semanas para conhecer e gostar de Harris. Tirei quatro instantâneos de Harris e Boukreev fazendo poses no cume, dei meia-volta e comecei a descer. O meu relógio dizia que eram 13:17. No total, passara menos de cinco minutos no teto do mundo.

Passado um momento, parei para tirar outra foto — desta vez, o tema era a Aresta Sueste, a rota por onde havíamos escalado. Ao apontar os meus binóculos a um par de escaladores que se aproximavam do cume, reparei numa coisa que até então escapara à minha atenção. A sul, onde o céu, apenas uma hora antes, estava totalmente claro, um manto de nuvens ocultava agora o Pumori, Ama Dablam e os outros picos menores que rodeavam o Everest.

Mais tarde — depois de terem sido encontrados seis cadáveres, depois de uma busca de dois outros escaladores que havia sido abandonada, depois de os cirurgiões terem amputado a mão direita, já gangrenada, do meu companheiro Beck Weathers —, as pessoas perguntavam-se porque é que, se o tempo começara a piorar, os escaladores não tinham ligado a tais sinais? Porque é que guias veteranos continuaram a subir, conduzindo um grupo de amadores relativamente inexperientes — cada um dos quais pagara a fortuna de 65 000 dólares para que os levassem sãos e salvos ao Everest — a uma armadilha notoriamente mortal?

Ninguém pode falar pelos chefes dos dois grupos guiados envolvidos, porque ambos morreram. Mas posso assegurar que, no início da

tarde de 10 de maio, nada sugeria que se aproximava uma tempestade brutal. Para a minha mente, esfomeada de oxigénio, as nuvens que subiam pelo grande vale de gelo conhecido como Western Cwm* pareciam inócuas, frágeis, insubstanciais. Sob o brilhante sol do meio-dia, assemelhavam-se aos inofensivos vapores de condensação por convecção que se formavam no vale quase todas as tardes.

Quando comecei a descer, sentia-me extremamente ansioso, mas a minha inquietação pouco tinha que ver com o tempo: é que o indicador da minha garrafa de oxigénio tinha revelado que ela estava quase vazia. Precisava de descer rapidamente.

O trecho superior da Aresta Sudeste do Everest assemelha-se a uma estreita barbatana de rocha e neve, flagelada pelo vento, que serpenteia ao longo de meio quilómetro entre o cume e um pico secundário conhecido como o Cume Sul. Vencer esse pico denteado não levanta grandes obstáculos técnicos, mas a rota é terrivelmente perigosa. Depois de ter deixado o cume, demorei quinze minutos a arrastar-me cautelosamente por sobre um abismo de mais de dois mil metros de altura, até chegar ao famoso Degrau Hillary, um pronunciado entalhe na aresta que exige algum domínio técnico. Enquanto me prendia com uma corda fixa e me preparava para fazer rapel até à beira do entalhe, fui saudado com um alarmante espetáculo.

Nove metros abaixo, na base do Degrau, havia uma fila de mais de uma dúzia de pessoas. Três escaladores tinham começado já a subir pela corda que eu ia usar para descer. Só me restava uma opção: desenganchei-me da corda de segurança coletiva e afastei-me.

O engarrafamento em baixo incluía escaladores de três expedições: da equipa a que eu pertencia, um grupo de clientes pagantes sob a chefia do célebre guia neozelandês Rob Hall, de um outro grupo, chefiado pelo guia americano Scott Fischer, e de uma equipa taiwanesa não comercial. Ao passo de caracol que é norma acima dos 7900 metros, o cortejo foi subindo dificilmente em fila, um escalador após outro, enquanto eu, angustiado, aguardava pelo meu momento de descer.

Harris, que deixara o cume pouco depois de mim, depressa se me juntou. Como queria conservar o pouco oxigénio que me restava na garrafa, pedi-lhe que metesse a mão na minha mochila e desligasse a

* Foi esse o nome que lhe deu George Leigh Mallory, o primeiro homem que o viu durante a expedição ao Everest de 1921, a partir de Lho La, um desfiladeiro situado na fronteira entre o Nepal e o Tibete. *Cwm* é uma palavra galesa que significa vale ou circo.

válvula do meu regulador, coisa que ele fez. Nos dez minutos que se seguiram, senti-me surpreendentemente bem. A minha mente aclarou-se. Tinha a sensação de estar menos cansado do que com a válvula aberta. Então, abruptamente, dei-me conta de que estava a asfixiar. A minha visão diminuiu e a minha cabeça começou a dar voltas. Estava prestes a perder a consciência.

Em vez de desligar o oxigénio, Harris, afetado pela hipoxia, pusera a válvula no máximo, esgotando assim o conteúdo da garrafa. Sem me mover do sítio em que estava, consumira o oxigénio que me restava. No Cume Sul, setenta e seis metros mais abaixo, esperava-me outra garrafa, mas, para chegar lá, teria de descer pelo terreno mais exposto de toda a rota sem o benefício do oxigénio suplementar.

E, primeiro, tinha de esperar que passasse toda aquela multidão. Removi a máscara, que agora não me servia para nada, cravei o meu machado de gelo na encosta gelada da montanha e agachei-me à espera. Enquanto trocava triviais felicitações com os que iam passando, por dentro pensava, frenético: «Despachem-se, despachem-se!» Implorava silenciosamente: «Enquanto vocês andam aqui a brincar, eu estou a perder milhões de células cerebrais!»

A maior parte dos escaladores pertencia ao grupo de Fischer, mas, no final da fila, vinham dois companheiros meus, Rob Hall e Yasuko Namba. Recatada e tímida, Namba estava a quarenta minutos de se converter, aos quarenta e sete anos, na mulher mais velha a subir o Everest e na segunda mulher japonesa a escalar o pico mais alto de cada continente, os chamados Sete Cumes. Embora pesasse apenas quarenta e um quilos, a sua figura de pardal encobria uma firmeza inusitada; em grande — e espantosa — medida, aquilo que impulsivava Yasuko a subir até ao cume era a inquebrantável intensidade do seu desejo.

Mais tarde, apareceu Doug Hansen, um outro membro da nossa expedição. Doug Hansen era um empregado dos correios dos subúrbios de Seattle e que, na montanha, se tornara o meu amigo mais chegado. «Já cá canta!», gritei mais alto que o vento, tentando parecer mais animado do que me sentia. Exausto, Doug murmurou qualquer coisa por detrás da sua máscara de oxigénio, algo que não consegui apanhar, apertou fragilmente a minha mão e continuou a sua penosa subida.

No fim da fila, vinha Scott Fischer, que eu conhecia casualmente de Seattle, cidade em que ambos vivíamos. A força e o ímpeto de Fischer eram lendários (em 1994, subira ao Everest sem oxigénio), e por isso

achei estranho que avançasse tão lentamente e que tivesse um aspeto tão esgotado quando tirou a máscara por um segundo para me saudar. «Bruuuuce!», chiou ele com uma alegria forçada, usando a sua típica saudação fraterno-juvenil. Quando lhe perguntei como estava, Fischer insistiu que se sentia lindamente. «Parece que hoje me está a custar a arrastar o coiro. Nada de importante.» Com o Degrau Hillary finalmente vazio, enganchei-me à corda cor-de-laranja, deixei Fischer agachado sobre o seu machado de gelo e fiz rapel até à beira do entalhe.

Já passava das três da tarde quando cheguei ao Cume Sul. Nesse momento, gavinhas de nevoeiro deslocavam-se já sobre o cume do Lhotse, a 8510 metros, envolvendo a pirâmide do cume do Evereste. O tempo já não estava bom. Consegui uma nova garrafa de oxigénio, liguei-a ao meu regulador e comecei a descer por entre as nuvens. Pouco depois de abandonar o Cume Sul, começou a nevar e a visibilidade reduziu-se a zero.

Cento e vinte metros mais acima, onde o cume continuava banhado pelo sol sob um imaculado céu azul-cobalto, os meus colegas perdiam tempo posando para a posteridade no teto do planeta, tirando fotos, exibindo bandeiras, demorando-se preciosos segundos. Nenhum deles imaginava a horrível provação por que estavam prestes a passar. Ninguém suspeitava que, no final daquele longo dia, cada minuto seria decisivo.